

Água fresca

Era simples, sempre que tinha sede atravessava o quintal e ia até a casa da avó beber água. O que lá estava plantado não importava teria de se arrumar e fazer um carreiro para a Maria passar.

– Isto não pode continuar! – reclamava a mãe da Maria depois de encontrar as batatas ou as couves espezinhas.

Nada disso importava à Maria. Se tinha sede só havia um lugar onde era possível beber água, da talha de barro que a avó tinha na cozinha junto à torneira do lavatório para o caso da água faltar.

A dita talha estava sempre cheia de água, a emergência da falta de água estava sempre acautelada. Por cima da tampa, que era um simples prato, também de barro, estava uma caneca de alumínio tão brilhante e polida que quase dava para fazer de espelho não fosse a cara ficar desfigurada.

Beber água daquele lugar era maravilhosamente fresco. Com uma mão pegava na tampa com a outra na caneca de alumínio que mergulhava ligeiramente com cuidado para não molhar os dedos, e num único golpe bebia toda a água. Depois ficava a recuperar o fôlego, ainda, com a caneca entre os lábios apreciando o eco que a sua respiração fazia no fundo da caneca e o gosto metálico na ponta da língua.

– Oh! rapariga, a água vem toda do mesmo lugar, tu tens apenas manias! – protestava a mãe da Maria quando a procurava e não a encontrava por ela ter ido a casa da avó beber água.

Não havia argumentos que a convencessem; nem argumentos, chuvas fortes ou calores abrasadores, nada a demovia.

A talha tinha acompanhado o crescer da Maria agora já é exatamente do comprimento do seu braço, mas quando era pequenita não a conseguia abraçar toda. Era uma brincadeira que a Maria gostava de fazer; pôr os seus braços à volta da parte mais larga da talha e ver quanto espaço faltava para que os seus braços a conseguissem envolver por completo.

Quando a lavava gostava de passar a mão aberta pela curvatura bojuda do corpo, que lhe lembrava a barriga grávida da mãe, gostava de passar a unha pelos entalhes finos que imitava uma corda que estava antes do gargalo começar, gostava de ver como os dedos da sua mão se acomodavam ao remate grosso da boca; entre o polegar e o indicador. Gostava de sentir na ponta dos dedos as estrias grossas do corpo feitas pelas mãos do oleiros, mais finas no gargalo.

Chegava a casa da avó e gritava: – Vó, vou beber água – quer a avó estivesse na cozinha quer estivesse noutra divisão da casa. A avó respondia um simples: –Está bem. Era a maneira que elas tinham de se cumprimentar, nunca se encontravam noutro lugar, a não ser na casa da avó da Maria. A avó nunca saía de casa, pelo que enquanto houvesse sol no horizonte era sempre apropriado galgar os poucos metros de horta que separavam as duas casas e ir até a casa da avó beber água.

Quando por acaso se encontravam na cozinha, falavam das coisas simples da vida; o que tinha sido o jantar, como tinham sido as notas da escola, quando é que o mano tinha começado a calçar os sapatos corretamente, quando a avó previa acabar o bordado da toalha ou como pretendia pôr o remendo no avental. Coisas físicas mensuráveis, palpáveis. Assuntos, começados por “ e se ” não eram abordados.

E se as notas da escola não forem boas, e se não conseguir fazer os trabalhos de casa, e se o João gostar de mim, e se o avô aqui estivesse, e se tiver forças farei uma toalha para ti. Era a constatação simples e crua dos fatos que lhes indicavam o norte; cada uma no seu caminho.

– Quero ver como te arranjas quando fores estudar para fora? – perguntava a mãe da Maria, já conformada com a rama das ervilhas amassada e o vício que não conseguia combater.

A verdade é que quando a Maria teve de sair da sua aldeia para ir estudar, levou uma sede que não passava, bebia água mas a sede continuava. Faltava-lhe o gosto metálico da caneca de alumínio, o barulho do prato de barro a ser depositado sobre a boca da talha de barro e depois tilintar da caneca. O ritual de encher os pulmões de ar para beber tudo de uma única vez.

E até podiam existir explicações científicas para que a água lhe soubesse melhor vinda da dita talha. Mas as verdadeiras razões iam muito para além da ciência.

A vida levou a Maria para longe do quintal que pisoteava para chegar à casa da avó, até à última visita, sempre dolorosa. Houve brigas e desavenças sobre os pertences da avó. A Maria no meio da batalha de palavras e gritos que se elevavam no ar atravessou a cozinha, enfiou um braço pela boca larga da talha e com a outra mão pegou no prato e na caneca de alumínio e saiu porta fora.

Agora que tem uma casa sua continua a beber aquela água fresca pela caneca brilhante que agora a desfigura, ainda, mais devido às amassadelas que entretanto foi sofrendo.

Quando lhe apetece falar com a avó, não vai ao cemitério, lava a talha com água, sabão azul e um trapo velho e depois esfrega a caneca tal como fazia na casa da avó quando ia beber água e conversa com ela sobre as coisas simples da vida. As que de facto aconteceram e lhe indicam o norte.

O caminho da vida é fácil de percorrer quando se sabe bem os passos dados até ao presente. A vida tem curvas e contracurvas, mas nunca em ângulos retos, há sempre um pequeno passinho que nos faz desviar do caminho traçado. Se tivermos com atenção a todos os fatos que nos conduziram ao lugar onde estamos nunca perdemos o norte.